

**LÍNGUA PORTUGUESA E AMBIENTE VIRTUAL:
INTERPRETAÇÕES E EXPRESSÕES TEXTUAIS DOS
ADOLESCENTES E JOVENS**

Silvia Carla do Nascimento¹

Carlos Dias²

Binka Pires André³

RESUMO

Levando em consideração que o tempo social absorve o tempo individual, devemos atentar para o avanço do português simplificado usado na internet e o português culto usado nas salas de aula, definição esta feita pelo linguísta Gregory Guy (1998). A partir desta premissa, o presente trabalho tem por objetivo, através de uma reflexão teórica, propor uma discussão sobre **Memórias e Novas Tecnologias** tendo em vista a concepção de poder explorada pelo filósofo Michel Foucault. Para isso, pretendemos em um primeiro momento expor as características da concepção de poder elaborada por Foucault e que servem de base para o que ele denominou de “poder disciplinar”. Poder disciplinar no sentido de conscientizar aos adolescentes e jovens que por mais que eles insistam em não fazer uso da língua portuguesa culta, preferindo usar uma linguagem mais informal em todos os contextos, assim como fazem na internet. Por conseguinte, é preciso que saibam que o poder disciplinar continua imperando, quando forem fazer um vestibular, um concurso público, um curso em EAD, enfim a língua culta permanece sendo cobrada. Os códigos de comunicação usados na sala de bate papo são diferentes dos impostos e usados pela sociedade na escola e na vida profissional. Segundo Pollak (1992), o fato de trabalharmos com uma escrita considerada “deficiente”, interfere diretamente na memória do indivíduo. Este passa a memorizar o que escreve e conseqüentemente, memoriza palavras inadequadas. Assim, como os jovens estão sem “referências”, parece que estes também estão tentando “apagar” a memória das palavras aceitas, ou seja, usadas na língua culta. Todavia, esta diferenciação de uso da língua portuguesa se faz presente a cada momento em que o mundo avança. As novas tecnologias vêm aumentando e melhorando a vida das pessoas, em contra partida a memória, como lembrança vem se desfazendo com a mesma velocidade que as novas tecnologias vêm crescendo.

Palavras-chave: Linguística, redes sociais, internet, memória.

¹ Professora Universitária. Mestranda em Cognição e Linguagem pela UENF, na linha de pesquisa: Educação, linguagem e novas tecnologias. silviacarla@gmail.com.

² Mestrando em Cognição e Linguagem pela UENF, na linha de pesquisa: Educação, linguagem e novas tecnologias.carlosdias@uenf.br

³Doutora em Educação e Professora Doutora da UENF. biankapires@uenf.br

ABSTRACT

Taking into consideration that social time takes individuals a lot of hours, it is important to notice the advance of the simplified Portuguese used on the Internet and the cult Portuguese employed in classrooms, a definition that was done by the linguist Gregory Guy (1998). From such premise, this work aims at, through a theoretical reflection, proposing a discussion on **Memories and New Technologies**, as the understanding on power is done by the philosopher Michel Foucault. In order to do so, it is intended to show the characteristics of power, according to Foucault, and which function as a basis for what he has been named ‘disciplinary power’. Being able to discipline power in the sense of making adolescents and youngsters become aware that, although they insist in not making use of the cult Portuguese language, preferring the informal language in all the contexts, as they do on the Internet. Therefore, it is important that they understand that the disciplinary power will be on command, when they take their college entrance exams, or apply for a public office, or an EAD course; after all, the cult language is the one still in charge. The communication codes used in the chat rooms are different from the taxes used by the society at the schools and in professional life. According to Pollak (1992), the fact that we work with writing considered “deficient”, it directly interferes in the memory of adequate words. Therefore, the youngsters have no “references”; it seems they are trying to “delete” the memory of the words that are accepted, that is, used in the cult language. However, such differentiation of the use of the Portuguese language appears every moment as the world advances. The new technologies have been increasing in number and making the life of people even better, and, on the other hand, the memory, as remembrance, has been undone with the same speed as the new technologies have been increasing.

Keywords: Linguistic, social nets, internet, memory.

INTRODUÇÃO

No campo da área educacional, existem confluências e diferentes perspectivas em aceitar as novas tecnologias como suportes favoráveis ao ensino-aprendizagem, pesquisas feitas por alguns linguistas, filósofos e educadores que tem como desafio compreender a evolução digital e que afirmam que nunca em toda história os jovens leram e escreveram tanto como agora na contemporaneidade.

Segundo Santos (2010) com base em dados do IBGE de 2006, os jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos somavam 50,2 milhões de pessoas, o que correspondia a 26,4% da população total. Este contingente é 45,9% maior do que o de 1980, quando havia no país 34,4 milhões de jovens; porém, ainda é menor do que os 51,3 milhões projetados para 2010. Assim é possível perceber como os nativos digitais estão crescendo cada vez mais, pois se há uma procura cada vez maior pelo meio acadêmico, há também um avanço tecnológico intenso.

A premissa em questão é realizar um estudo de como os jovens podem fazer para conseguirem distinguir o gênero digital dos demais gêneros exigidos e estudados na sala de

aula. Marcuschi (2010) defende a ideia de que a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas, adaptáveis às mudanças do comportamento humano e uma disseminação nas transformações sociais, políticas e culturais. O autor aprova ainda “As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo e, de modo particularmente acelerado nos últimos 30 anos.” (MARCUSHI, 2010, p.11). Percebe-se que o mal não está na mudança e sim como essa alteração da língua está sendo feita pelos jovens.

Para Bourdieu (1983) “a juventude é apenas uma palavra”, defende a ideia de que é preciso estar atento aos diferentes universos sociais que permitem pensar a condição juvenil ao analisar as diferenças entre as juventudes.

Em outro momento, os nativos digitais aprendem as palavras da língua portuguesa culta concomitantemente com as nomenclaturas ou símbolos, ou até abreviaturas usadas no meio digital. Entretanto, o artigo tende a demonstrar um interesse aos jovens quanto ao uso das linguagens diversificadas. Segundo Palfrey (2011) uma garota de 16 anos nativa digital muda constantemente aspectos das suas identidades pessoal e social, tecendo as mudanças tanto no mundo real como no virtual. Assim como uma jovem desenvolve mais de uma identidade, ela também prospera com o uso de mais de uma linguagem.

A última perspectiva trabalhada é a interferência da memória cognitiva nos meios digitais, vale à pena ressaltar que é essa memória que colocamos em questão, assim aprova Bosi (2007) cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. Diante disso, percebemos os jovens na modernidade líquida, como diz Bauman (2005) vivemos na modernidade líquida que põe em evidência a decadência de instituições sociais. Todavia, esta diferenciação do uso da língua portuguesa faz-se presente a cada momento em que o mundo avança, as novas tecnologias vêm aumentando e melhorando a vida das pessoas, em contra partida a memória, como lembrança vem se desfazendo com a mesma velocidade que as novas tecnologias vêm crescendo.

JUVENTUDE, IDENTIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS

Querer dizer que os jovens não acompanham as novas tendências tecnológicas é a mais pura insensatez, por essa razão faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre os jovens como nativos digitais. Em uma modernidade líquida BAUMAN (2005), os

jovens perdem um pouco dos limites, ou melhor, praticamente todo limite, pois as informações vêm de uma forma muito rápida, assim os pais, a família e a sociedade perdem o controle da situação, pois eles também necessitam entrar no mundo digital para ter uma noção das inovações que este novo mundo oferece.

Estas apreciações estão de acordo com BAUMAN (2005), pois segundo o autor vivemos na modernidade líquida que põe em evidência a decadência de instituições sociais. Aquelas que, até então, se colocavam como referência para a construção de identidade não são mais os únicos modelos e, em alguns casos, nem os mais apreciados ou valorizados. Em contra partida não podemos colocar a culpa na tecnologia, devemos apenas instruir e motivar aos jovens que a utilizem para um bem comum.

Dentro deste parâmetro, temos ainda HALL (2005) que definiu como crise de identidade. Família, culturas de classe, de gênero e etnia apresentavam-se, antigamente, como referências e, hoje, estão sendo fragmentadas. Embora isso pareça normal aos olhos de muita gente, mas não é o caminho certo a identidade precisa ser retornada para que haja uma limitação dos jovens quanto a tempo e espaço.

Segundo MAIA (2007),

O sujeito fragmentado caracteriza-se por ter múltiplas identidades culturais – que podem ser contraditórias ou não – provisórias, variáveis e muitas vezes problemáticas. O indivíduo pós-moderno assume uma identidade "móvel" e "temporária" – uma possibilidade dentre as múltiplas possíveis – de acordo com o momento e local. Isso ocorre porque a construção da identidade se dá na interação com os outros – e *"pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros"* (HALL, 1999) – ao longo da vida, constituindo um processo em constante mudança e formação. (MAIA, 2007).

Alguns autores defendem a idéia de que a juventude nativa digital não faz trocas da sua identidade quando se depara nas redes sociais. Fica perceptível essa troca quando conversamos com um jovem, e este se apresenta como aluno regular de tal escola, joga futebol e vai ao cinema, mas quando este mesmo jovem é encontrado em uma sala de bate-papo nas redes sociais, ele é o que sempre quis ser isso pode ser comprovado com os estudos feitos por PALFREY (2011):

Na era digital, sua identidade pode ser descrita pelas pessoas com as quais ela se associa de maneira que são visíveis para os espectadores a qualquer momento, através de conexões em redes sociais como Myspace, Facebook, Bebo ou studivz, ou ainda através de links em seu blog para blogs de outros. Além disso, as ações de seus amigos, e suas reputações mutantes, podem afetar sua identidade e sua reputação de tal forma que terceiros podem observá-las. Embora ela possa mudar rápida e facilmente muitos aspectos da sua identidade, pode não conseguir mudar alguns aspectos da sua identidade social.

LINGUAGEM E MEMÓRIA PERPASSAM AS REDES SOCIAIS

Estudo desenvolvido com jovens do 7º ano do Ensino Fundamental II de uma escola privada no estado do Espírito Santo permitiu evoluir a escrita deste artigo para o seguinte parâmetro: alunos com boa desenvoltura de leitura desde as séries iniciais e/ou em casa pela própria família, não possuem dificuldades em associar à escrita (símbolos e nomenclaturas) do gênero digital, com a escrita imposta na sala de aula. Sobretudo em alunos com uma boa oralidade, dificilmente há troca os diversos estilos da escrita, como aprova MARCUSCHI (2011):

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social.

Todavia, alunos com dificuldades de aprendizagem, com pouco incentivo à leitura ora pela escola, ora pelos próprios pais/família possuem trocas absurdas entre a linguagem trabalhada no mundo virtual e a outra na escola.

Mas isso só foi identificado após algumas observações feitas em relação à escrita dos alunos nos dois meios – virtual e real. Confirma-se então a grande dúvida em questão até o momento não é o gênero digital que assusta, mas sim a falta de preparação da sociedade para tal evolução.

Como lembra Galli (2011) a informática é uma das áreas de inovação tecnológica que mais tem contribuído para o surgimento de neologismos. A pesquisadora também analisa alguns aspectos da linguagem veiculada pela internet, especificamente os processos de banalização e/ou de vulgarização que envolve termos que circulam na grande rede. Em contra partida, deixando um pouco de lado a linguagem como vulgarização devemos observar que a linguagem na internet é uma das marcas da globalização desde o final da década de 80, hoje, com mais rapidez e precisão de dados. Nessa perspectiva afirma Soares (1997):

[...] o processo mais eficaz que a história conhece no plano de instauração de uma língua transnacional, ultrapassando modelos imperialistas tradicionais ou processos colonialistas convencionais.

De acordo com CASTELLS (2002), não devemos compreender estes processos apenas como oriundos da modernidade científica. Anteriormente, a sociedade também se

estruturava em redes, porém, com a tecnologia da informação, este processo ganhou penetrabilidade, adentrando todos os setores da vida social.

Para Levy (1996), um texto digitalizado permite novas leituras: uns textos por si já se conectam, enquanto que outros fazem ligações por meio do hipertexto. Enfim, o autor chama esse processo de *continuum*, que se desenrola entre a leitura individual de um determinado texto e a vasta navegação em vastas redes digitais, que pode ser realizada por um grande número de pessoas. Mas ainda na visão de Galli (2011) a linguagem da internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo modelo de comunicação, com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores. Nessa vertente temos: “não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos”. (ORLANDI, 2000, p101).

Envolto com a memória é discutível salientar que não existe boa leitura, boa escrita, boa interpretação se crianças/jovens não tiver uma boa memória cognitiva. E essa memória só é trabalhada no ser humano a partir do momento que ele desenvolve o poder cognitivo de assimilação de saberes. Conforme nota Bosi (2007) cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. Se o jovem tem dentro de si a memória da história, ele também necessita construir a memória da boa comunicação, seja ela oral ou escrita, seja ela no meio real ou virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar análises parciais relacionadas às práticas da memória e da linguagem escrita e oral nas redes sociais discutidas no viés dos alunos do 7º ano de uma escola de Ensino Fundamental II do estado do Espírito Santo. A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento. No entanto, é possível considerar que estes jovens, apesar de seu contexto cotidiano específico, vivenciam questões que perpassam de forma transversal a temática da memória cognitiva e da linguagem nas redes. Incluindo os hipertextos e uma nova forma de mostrar para a sociedade que o computador será nos próximos anos uma necessidade fundamental como a geladeira, o fogão, ou a escova de dentes. Com isso todas as inovações tecnológicas juntamente com o in ter esse dos jovens e monitoramento de seus pais terão muito a ganhar com a leitura deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H., *et al.* (2005). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. SP: Ação educativa.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. (1983). **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: marco zero, 1983:112-121.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002. in A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Vol. 2.

COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis Relatos de uma Humilhação Social**. Rio de Janeiro Editor Globo, 2004.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1968.

FREUD, Sigmund. (1912) **Totem e Tabu e outros trabalhos**. In: E.S.B., vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HALL, Stuart. **Quem precisa da Identidade?** In SILVA, Tomás Tadeu (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções científicas**. São Paulo. Perspectiva 2009.

LACAN, Jacques. **Seminário: As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. por uma antropologia do ciberespaço. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Hipertexto e Gêneros Digitais novas formas de construção de sentido**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital. Entendendo a primeira geração de nativos digitais**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008

- SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix 2000.
- SOUZA, Carlos H.M. **Comunicação Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: FAFIC. 2003
- SOUZA, Carlos H.M. **Comunicação, Linguagem e Identidade**. Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF, setembro de 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0240-2.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2010 às 19h30min.
- SOUZA, Jessé (Org). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- SCHUTZ, A. (1979). **Fenomenologia e Relações Sociais**, Rio de Janeiro: Zahar.
- SWARTZ, D. (1997). **Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social**. *In*
- TOFFLER, Alvin. **Power Shift. As Mudanças do Poder**. São Paulo. 3ª ed. São Paulo: Recorde, 1999.
- TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã. A identidade na era da internet**. Lisboa, Relógio